

A MORTE NA FILOSOFIA DE E.M CIORAN: Caminhos para o niilismo

ABREU, Jheovanne Gamaliel Silva de.¹

LIRA, Luédley Raynner de Souza.²

O pensamento de E.M Cioran (1911-1995) define-se enquanto sumariamente niilista, pessimista e cético. Dentre suas principais divagações, defrontamo-nos com a questão da morte cuja importância é descrita em suas obras. O objetivo deste trabalho é analisar a morte na perspectiva cioraniana. Para tanto, utilizamos a metodologia referencial bibliográfica. A morte é a categoria fundamental do arcabouço filosófico cioraniano. Ela é descrita a partir da noção de totalidade, ou seja, ela aflige todos os homens. A partir da constatação da finitude do sujeito, nos desesperamos e com isso o sofrimento torna-se rotineiro das nossas existências. É este envolvimento que estabelecemos com a presença da morte que a torna como categoria fundamental na existência, sendo ela junto com o sofrimento, o desespero e a questão do Nada, como alicerces da filosofia cioraniana. A partir desta constatação de que a morte torna-se fenômeno capital, entramos em contato com todas as desgraças possíveis da realidade. No tocante do íntimo de cada ser humano, a morte contribui com seu papel revelador, com sua qualidade de presença em cada ser, com sua inestimável atitude de posicionamento de mundo. A morte para Cioran é um dos atributos fundamentais da vida.

Palavras-chave: Desespero. Morte. Sofrimento

¹ Mestrando em Ciências da Educação pela EIKON UNIVERSITY. Pós-graduado *lato sensu* em Filosofia Contemporânea pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Cajazeiras (FAFIC). Licenciado em Filosofia (FAFIC). Email: jheovannedv@hotmail.com

² Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras- FAFIC. Email: luede_pb@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Emil Cioran é um filósofo romeno (1911-1995) conhecido por suas obras com caráter pessimista, niilista e cética.

A morte na filosofia de Cioran é tratada como categoria fundamental de seu pensamento. Tal conceito é permeado por todas suas obras. A importância deste artigo se dá pela necessidade de se construir uma filosofia da morte pautada neste filósofo.

O presente artigo desenvolve-se em uma análise do pensamento cioraniano, especialmente na noção pessimista e niilista do seu pensamento. A constatação da falta de sentido da existência desemboca em um niilismo mordaz e que identifica o Nada como abismo, e um eterno buraco negro onde a conclusão deste Nada se dá através da morte.

O artigo se dará de maneira referencial bibliográfica, utilizando-se do método hipotético-dedutivo, utilizando-se das obras do filósofo Emil M. Cioran bem como seus comentadores e pesquisadores.

O homem contemporâneo destituído de virtudes e valores universais desemboca numa nulidade existencial e em um Nada fundamentador de sua vida como de sua morte. Disto decorre, a análise deste tema e deste filósofo não para apresentar uma resposta definitiva, mas para abrir caminhos para uma reflexão pautada em princípios filosóficos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A morte na filosofia de Cioran

Os livros de Cioran denotam um alto grau de pessimismo e niilismo, fazendo com que temas como: desespero, melancolia, dor, a questão do Nada, sofrimento, perfaçam todos os seus escritos. Não mais importante é uma questão ulterior que atormenta o pensador romeno durante toda sua vida: a questão da morte.

A morte é interpretada por várias culturas e religiões, como um fenômeno metafísico e associado a libertação ou a um sentimento de posse de algo novo que não poderia ser ganho na existência terrena. As crenças mais recorrentes para designa-la são: a reencarnação, a ressurreição, e o “esquecimento eterno”³

O sentimento de morte é expresso em termos de totalidade, pois, é o único sentimento, que afligiu todos os homens, ultrapassando as paixões e outros sentimentos. Sabemos que vamos morrer e esta revelação nos causa um sentimento único de descontentamento ao saber que de forma ou de outra não mais faremos parte desta existência. O sentimento de morte é assim descrito:

Essa dilaceração que sentes no sangue como um esplendor negro que dilata as veias e se insinua no cérebro, que fulmina os nervos e te dispersa por espaços distantes superiores aos do sonho, que te decompõe no inesperado e derrama sobre as coisas um dissolvente sutil, para que, em sua dissolução, a dilaceração realize sem cessar (CIORAN, 2014, p. 155).

É este envolvimento que estabelecemos com a presença da morte que a torna como categoria fundamental na existência, sendo ela junto com o sofrimento, o desespero e a questão do Nada, como alicerces da filosofia cioraniana. A partir desta constatação de que a morte torna-se fenômeno capital, entramos em contato com todas as desgraças possíveis da realidade. Essa dilaceração prescrita pelo pensador romeno é o que torna capazes de refletir sobre as questões concernentes a tudo o que nos permeia no mundo, é a partir da morte, ou da ideia que temos dela, que somos levados a pensar filosoficamente. Essa dilaceração se dá de forma que não percebemos, e se dá a partir da evidenciação de que existimos, da aceitação de que não há ilusões para se apegarmos, no fundamento de que os sonhos aos quais

³ É a teoria de que a consciência acaba com a morte. De origem materialista, acredita que a morte é o fim de tudo, e que alma e espírito não existem e que tudo se resume a matéria.

nos apegamos não passam de meros espectros que são dissipados a uma simples reflexão sobre a existência.

A morte é uma coisa da qual nenhum homem pode escapar, nisto reside sua intransponibilidade e o fato de que nenhum ser vivo poder vencê-la. Podem-se expor quaisquer argumentos, quaisquer discursos que a morte continuará invicta e recairá de maneira única sobre todos os homens. Sobre este não-vencer do homem sobre a morte:

Ninguém venceu a obsessão da morte pela lucidez e pelo conhecimento. Não existia nenhum argumento contra ela. Ela não tem do seu lado a eternidade? Só a vida tem que defender-se sem trégua; a morte já nasceu vitoriosa. E como não vai ser vitoriosa se o nada é seu pai e o horror, sua mãe? Só podemos vencer a morte desgastando-a. A penetrante obsessão que sentimos por ela nos desgasta e, por sua vez, se desgasta (CIORAN, 2014, p. 151).

Este aforismo cioraniano defronta-nos com o apego demasiado a morte que o teórico franco-romeno ambienta-nos perante todo seu constructo filosófico. Seria possível não conhecer o sentimento do falecimento? Esse sentimento tornou-se exclusivo dos homens. Esse envolvimento entre o homem e a morte é muito forte e representa todas as nossas lamentações perante a morte e aos sentimentos que ela traz. Se dá a partir da constatação de que a nossa existência é um fardo e que a morte é a libertação deste peso que carregamos ao nascer. Conhecer o sentimento de morte diz respeito a acostumar-se com a ligação que ela nos causa, desgastando-a estamos nos habituando a ela e só assim conseguimos vencer o terror que só ela causa.

O sentimento que a morte nos causa é universal e verificada por todos os seres vivos, mas apenas os animais racionais conseguem fazer deste sentimento uma empreitada existencial. Este elã oferecido pela morte nos transporta também para um fato, a certeza da qual adotamos o fato de que iremos morrer. Mas é possível não se querer morrer, ou ter a ilusão de que não se morre. Cioran explica assim uma dualidade entre querer e não querer morrer, ou não ser atingido pelo sentimento da certeza da morte:

Conhecer *pela última vez* a morte significa estar certo de que se vai morrer e de que não se quer morrer. O que de único existe no ser humano tampouco acredita que seja possível morrer, de modo que à visão lúcida e definitiva da morte se opõe a desesperada resistência

da unicidade e da afetividade. Quanto mais sentimos a morte, mais violentamente reage contra ela o sentimento, desta maneira uma ilusão consciente abre para o homem uma enganosa porta por onde acredita escapar da certeza da morte. O sentimento comum da morte poderia ser definido como uma *probabilidade certa* (CIORAN, 2014, p. 153, grifos do autor).

Esse conhecer último na morte é a afirmação de que a morte nos revela como impossível de ser concretizada aos nossos olhos, ou seja, não queremos nos desprender da ilusão que possuímos ao oferecer total apego à vida. Esse apego total à vida desloca-nos a uma ingenuidade perante a bestialidade do mundo⁴. Essas ilusões sobre a morte são frutos, principalmente, da nossa crença em algo metafísico e essa inclinação para crer em um deus, ou em vários. A partir deste agarramento a fé, somos situados em uma esperança errônea de que podemos nos desvencilhar da morte ou do problema que ela carrega. Afirma Pecoraro:

Imaginação e esquecimento surgem ali como condições de possibilidade da própria possibilidade à qual o homem se agarra. É graças a sua faculdade de imaginar – que pode receber da vida algo melhor do que as ruínas que o esmagaram – e à imensa capacidade de esquecer – que o leva a ignorar os vislumbres (ou os abismos) de lucidez que o invadiram trazendo à luz um “tudo é vão” fulgurante e sem apelação, ou a evidência até banal da própria miséria e da inutilidade de todo esforço e ação -, que é possível avançar, esperar, (sobre) viver (PECORARO, 2004, p. 33, grifo do autor).

É a partir das categorias descritas pelo comentador que o homem torna-se capaz de amenizar um pouco o efeito da morte sobre a sua vivência enquanto ser que sofre. Mas, no pensamento cioraniano, não há uma escapatória para o problema do sofrimento ou da morte, não há como superá-los. Estas condições que compõem o arcabouço da amenização destes problemas surgem enquanto alternativa para transformar a existência em uma ilusão. Transformada, adquire uma suavização, contudo, torna o homem um ser constituído exclusivamente por espectros que o colocam fora dos reais problemas da realidade.

Em *Breviário de decomposição*, o teórico tece uma caracterização mais específica sobre a morte, estabelecendo-a enquanto o que há de mais claro, mas ao mesmo tempo o mais confuso, aos nossos olhos e as nossas consciências, ela nos

⁴ Cioran acreditava que o mundo não mantinha uma ordem nas coisas. O mundo era regido pelo Caos, pelo Vazio e desembocava em um Nada. Conforme Cioran: “A desintegração do mundo representa um processo contrário à evolução cósmica, um processo inverso e retrospectivo” (CIORAN, 2011 c, p. 109).

coloca acima de todos os outros seres, não em uma espécie de hierarquia, mas na característica singular que o sentimento causado nos atinge. Sobre a característica incipiente dela:

É porque ela não repousa sobre nada, porque carece até mesmo da sombra de um argumento que perseveramos na vida. A morte é demasiado exata; todas as razões encontram-se de seu lado. Misteriosa para nossos instintos, delinea-se, ante nossa reflexão, límpida, sem prestígios e sem os falsos atrativos do desconhecido (CIORAN, 2011 a, p. 22).

O finamento tem, em si, qualidades que a tornam como uma a única certeza possível desta existência, e o fato dela constituir-se enquanto tal impossibilita a aparição de outra. Tudo desemboca nela, tudo deriva da sua fatalidade brutal e isso a torna impossível de ser questionada, reprovada ou interpelar qualquer coisa contra ela. Ao mesmo tempo, carrega mistério e asseveração, escuridão e luz, certeza e dúvida, ela define-se enquanto aquilo que é, pelo que é, pela qualidade de não poder ser outra coisa a não ser ela mesmo, ela não se transforma, não se metamorfoseia, não se extingue e não se completa em nada.

No tocante do íntimo de cada ser humano, a morte contribui com seu papel revelador, com sua qualidade de presença em cada ser, com sua inestimável atitude de posicionamento de mundo. Daí o fascínio que ela causou em Cioran. Sobre esta presença que nos é comum da morte, assim escreveu:

Mas há algo que vem de nós mesmos, que é nós mesmos, uma realidade invisível, mas interiormente verificável, uma presença insólita e imutável, que se pode conceber a todo instante e que nunca nos atrevemos a admitir, e que só tem atualidade antes de sua consumação: é a morte, o verdadeiro critério... E é ela, a dimensão mais íntima de todos os seres vivos (CIORAN, 2011a, p. 23).

Atestamo-la em nós próprios, por que ela é, antes de tudo, a essência⁵ o ser humano, ela e o Nada são os qualitativos da existência. É essa verificação que

⁵ Por considerarmos a impossibilidade de um atributo essencial de existência em Cioran, não há uma essência aos moldes da metafísica grega e medieval. Cioran rompe com a metafísica a medida que vai afirmando o status trágico da existência. Assim explica MENEZES: Como assinala Joan M. Marín, “o discurso cioraniano é evidentemente antiparmenídico à medida que, para o romeno, a existência em geral carece dos atributos do ser [...], e o nada não apenas é – e podemos falar dele – como também o descobrimos como um dos constituintes essenciais da existência.” A afirmação serve para demarcar a divisa fundamental de um logos que, se tende a ser posto sob suspeita por conta de sua

enxergamos em nós que a torna como o preceito de uma existência marcada pelo sofrimento. Daí seu caráter íntimo que se perfaz em cada homem, e o que nos torna reféns de nossas próprias angústias.

Uma obra de bastante relevância para o pensamento cioraniano escrita na sua velhice indica um grande fechamento do problema da morte em seu pensamento. *O do inconveniente de ter nascido* é um trabalho que a morte é tratada com total empenho pelo autor. Tanto a questão da morte como o do nascimento são extensivamente trabalhados pelo filósofo.

Sobre a questão do nascimento, o pensador esbarra neste fato de uma forma mui pessimista. Acerca deste evento sombrio: “Nada prova melhor até que ponto a humanidade se encontra em regressão do que a impossibilidade de encontrar um único povo, uma única tribo, em que o nascimento ainda provoque luto e lamentações” (CIORAN, 2010, p.7). Tal evento é tão escuso, penumbroso, lamentoso que é passível de uma tristeza profunda e perceptível por toda vida.

O nascer causa grande tristeza em todos os seres humanos daí a nossa propensão absoluta ao desespero, a melancolia e ao tédio. Nascer é sinônimo de sofrer, de se lamentar o fato de vir ao mundo. Sobre esta dor de nascer:

Nos escritos budistas, surge frequentemente a questão do ‘abismo do nascimento’. Trata-se efectivamente de um abismo, de um precipício, onde não se cai, de onde, pelo contrário, se emerge para grande prejuízo de todos nós (CIORAN, 2010, p. 32)

Este abismo que o nascimento causa se dá a partir da constatação da inutilidade de nossas existências, do fato irrefutável de que padeceremos perante em vida.

2.2 Morte e niilismo:

Dada a conceituação da morte em Cioran, torna-se essencial tipificar a categoria principal de seu pensamento, o seu niilismo.

Uma filosofia pautada pela questão do Nada, pelo ataque a tudo que rodeia a existência, pelo principio de que não vale a pena empenhar-se em coisa alguma. Eis a filosofia cioraniana. O seu niilismo é uma monomania pela questão do existir. Do objeto da filosofia cioraniana, Pecoraro (2004, p. 33): “A existência é uma das

heterodoxia, nem por isso carece de paternidade legítima na história da filosofia (MENEZES, 2016, p. 60).

obsessões de Cioran. Ferida aberta, chaga, inexplicável presença. Tentação real e sempre à venir⁶, miserável e fascinante”. A vida é esta mescla de caracterizações, este embolado de contradições a tornam como uma existência impossível de ser vivida sem sofrimento. Mas é tido como unanimidade por todos aqueles que tocam a obra cioraniana, seja para enxergar uma nova visão de mundo, seja para dedicar-se a pesquisa e a construção de comentários acerca de seu constructo, que a existência é definida como péssima, que este é o pior mundo possível que seria melhor para todos que não tivéssemos nascidos, que não há um paliativo possível para aliviar o fardo de ter nascido e o peso exercido na consciência pelo fato irrefutável da infelicidade tornar a vida estéril.

A construção filosófica de Cioran coloca-o no rol dos maiores niilistas do século XX, ou como sugerido por alguns jornais da época do seu reconhecimento como filósofo, o maior do século XX. Toma-se como consenso que a figura do pensador romeno é a mais pessimista da história da filosofia e da literatura, como diz Redyson (2011, p. 53): “Cioran é na verdade o mais pessimista dos filósofos e mais trágico que toda a poesia e literatura já viu”. Esta caracterização como o maior pessimista de todos os tempos revela a dificuldade do seu pensamento e o certo obscurantismo que rodeia-o, especialmente, por não ser um filósofo tão estudado nas academias de todo o mundo.

Esta designação de pessimista também é corroborada pela denominação de niilista de forma que seu niilismo e pessimismo completam-se se tornando uma só construção filosófica, não obstante, o ceticismo, a negação profunda inerente a seus livros tornam-o como um pensador sumariamente niilista.

Para Cioran, o pensar não pode estar atrelado a sistemáticas e desenvolvimentos lógicos, para ele o pensar é pensar e nada mais... Cioran tem um fascínio pelo pior, sua fantástica investida contra o mundo e sua devida criação representa um afastamento de qualquer teoria do absoluto onde, neste mundo, nada pode estar resolvido. Para Cioran, o mundo só pode oferecer o pior porque ele foi gerado nesta perspectiva. (REDYSON, 2011, p. 61).

⁶A tradução mais aproximada para este termo na língua portuguesa, é o correspondente: próximo, aproximado, perto de algo ou alguma coisa. No contexto da frase, significa uma tentação que está a vir, que se aproxima, que pode chegar a qualquer momento.

O pensamento obcecado pelo Nada, pela descaracterização de qualquer verdade dita absoluta, por quaisquer vestígios de esperança, pela negação de qualquer certeza, pelo descontentamento com Deus, consigo e com o mundo é o que torna a análise cioraniana de mundo e de vida o constructo mais péssimo da história. Assim explica Cioran (2011a, p. 135): “Quando deve começar a nossa felicidade? A partir do momento em que nos convenceremos de que a verdade não pode existir. Pois nela, toda modalidade de salvação é possível, mesmo se por intermédio do Nada”. Este é o caminho para viver sem estar preso a ilusões, renunciar a qualquer verdade e atestar a sua falsidade. A ilusão causada pela verdade acaba-nos tornando como seres presos a utopias e as falsas formas de salvação – se é que existe uma -, e acabamos por acreditar que há uma salvação nesta terrível existência, o que não é possível dada a essência caída do ser humano e a impossibilidade da felicidade, da aceitação do otimismo enquanto visão de mundo a capacidade do Nada ser esta categoria fundamental. Na égide do pensamento cioraniano, há a negação absoluta de tudo, uma negação tão profunda que torna qualquer resquício de verdade em mero espectro que qualquer conceituação sobre o Nada aniquila instantaneamente.

O Nada em Cioran é expresso de maneira lírica e filosófica. É assim expresso:

O nada, que é o ser e o todo, diante do qual Cioran hesita, recua, cala-se, é semelhante a esses rastros que jamais acabarão de nos angustiar. O nada é um buraco negro, é puro abismo e pura vertigem, é presença inexplicável que a si própria. É o vazio. Um aporético tipo de vazio, no qual os agulhões (então: pode haver algo ali?) da melancolia, do tédio, da tristeza, da ausência de esperança, da paralisia não cessam de torturar. Sintomas, estranhos ‘fenômenos’, ‘eventos’ que advêm do ‘nada e ao nada retornarão’, depois de ter deixado as suas marcas sangrentas no corpo e no espírito iniciado, caído no tempo e condenado a morrer sem poder morrer. (PECORARO, 2004, p. 162).

O Nada é expresso em termos de totalidade, de forma que, Ele representa o fundamento da existência e do que está para além dela. Saber que o Nada torna tudo desprovido de qualquer significação é o que nos coloca perante a uma angústia irreparável. Estamos jogados perante a nulidade da existência, o que torna a vida como um vórtice de desespero, sofrimento, inanidades e desprovido de

conceituações positivas. O Nada em Cioran é o centro único e insubstituível que a partir dele, a existência desconfigura-se enquanto portadora de um sentido. Assim é definido por Cioran (2011 d, p. 59): “Sem Deus tudo é nada; e Deus? Nada supremo”. A revelação deste aforismo indica quanto o teórico romeno considerava a importância do Nada para fundamentar tudo, e para indicar que não há nada além deste tudo que o Nada fundamenta.

O pensamento cioraniano é um constructo complexo que se caracteriza pelo duplo viés presente em sua obra: o literário e o filosófico. É um filósofo capaz de ser pessimista, niilista e cético ao mesmo tempo, na forma que combina a sua escrita a uma visão de mundo que é considerada a mais terrível já vista na literatura e na filosofia. (Cf. REDYSON, 2011, p. 12)

O niilismo tipifica as coisas como res sem uma substância, sem uma essência definitiva sem uma possibilidade de existir enquanto atributo metafísico, idealista ou espiritual. Sendo assim, não há no mundo ou nas coisas, uma só essência, que não seja o Nada Sobre esta questão:

“Tudo é desprovido de fundamento e de substância”; nunca repito para mim próprio esta frase sem sentir qualquer coisa que se assemelha à felicidade. O que me aborrece é a quantidade de vezes em que não consigo repeti-lá (CIORAN, 2010, p. 66).

Tal afirmação causa alegria, um contentamento pelo fato de quando atestada a falta e fundamento, de um sistema, de um sentido, dissipam-se todas as ilusões. Essa alegria proposta por Cioran é por saber que a existência não há sentido e que, de certa forma, não foi possível ser enganado por falsas sensações que provocam uma revelação de um caminho para a existência.

Esta verificação da falta de uma concretude das coisas põe em cheque todos os sistemas filosóficos que já surgiram durante a história. A atividade relevadora joga o ser humano a um tédio existencial profundo. Sobre a falta de sentido, Cioran afirma:

Que tudo seja desprovido de consistência, de fundamento, de justificação, é algo que estou habitualmente tão convencido que aquele que ousar contradizer-me, mesmo, que se trate do homem que mais estimo, me parecerá um charlatão ou um idiota (CIORAN, 2010, p. 10)

O niilismo cioraniano é a verificação da falta de sentido, do ataque a todos os ideais e verdades. Tal niilismo é uma nova forma de interpretação do problema do sentido da existência, do mundo e das coisas.

3 CONCLUSÃO

A sua filosofia caracteriza-se por abordar temas como o sofrimento, a morte, o desespero, e a questão do Nada. No seu constructo filosófico, há uma obsessão pelo Nada e de como essa categoria fundamental constitui o fundamento do mundo e das coisas. Tal obsessão caracteriza-se por um niilismo passivo, ou seja, é uma filosofia que só visa atestar as mazelas da existência sem propor soluções ou paliativos para estes males. Outro fato interessante é que Cioran distingue de todos os filósofos niilistas e pessimistas por afirmar que não há algo em que possamos nos apegar nesta vida, tudo não passa de uma ilusão, e de que é melhor não se empenhar em nada.

A morte em Cioran é interpretada em sentido de totalidade e de maneira lírica. A morte é um evento que nos causa contentamento e tristeza ao mesmo tempo, contentamos ao saber que deixaremos um dia esta existência, mas tristeza pelo fato que o finamento traz em si, a tristeza e a melancolia.

Referências

CIORAN, Emil M. **A tentação de existir**. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1988. 185 p.

CIORAN, Emil M. **Antologia do retrato**: De Saint-Simon a Tocqueville. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998. 251 p.

CIORAN, Emil M. **Breviário de decomposição**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011 a. 222 p.

CIORAN, Emil M. **Exercícios de admiração**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. 159 p.

CIORAN, Emil M. **Do inconveniente de ter nascido**. Trad. Manuel de Freitas. Lisboa: Letra Livre, 2010. 188 p.

CIORAN, Emil M. **História e utopia**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011 b. 127 p.

CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Trad. Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2011 c. 153 p.

CIORAN, Emil. **O livro das ilusões**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. 222 p.

CIORAN, Emil M. **Silogismos da amargura**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011 c. 111 p.

CIORAN, Emil. **Sobre a França**. Trad. Luciana Persice Nogueira. Belo Horizonte: Editora Áyiné, 2016. 119 p.

FRANCO, Daniel. **Emil Cioran**: a crítica à ideia de progresso histórico. São Paulo: Garimpo editorial, 2016. 199 p.

LINGI, Alphonso. **A vontade de potência**. In.: Educação e realidade, 2003. 9 p. Disponível em: < seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25657 > Acesso em: 10 nov. 2017.

MENEZES, R. I. R. S. **Existência e escritura em Cioran**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 538 f.

MENEZES, R. I. R. S. **O animal enfermo**: Pessimismo antropológico e a possibilidade gnóstica na obra de Emil Cioran. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciências da religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2007. 235 f

PECORARO, Rossano. **Nilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007. 64 p.

PECORARO, Rossano. **Cioran**: a filosofia em chamas. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, 247 p.

PETEAN, Antonio Carlos Lopes. **Fanatismo, dúvida e suicídio em Cioran**. Jundiaí – SP: Paco editorial, 2015. 97 p.

REDYSON, Deyve (Org.). **Emil Cioran e a filosofia negativa**: Homenagem ao centenário de nascimento. Porto Alegre: Sulina, 2011. 151 p.

VOLPI, Franco. **O niilismo**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 163 p.